

Crítica // Assassinos da lua das flores ★★★★★

Entre o ódio e o poder

Em mais uma obra-prima, Martin Scorsese redesenha, com Leonardo DiCaprio e Robert De Niro, o destino da nação indígena Osage, que se viu consumida pela ganância do homem branco

Ricardo Daehn

Numa espécie de liquidificador cinematográfico, o mais novo filme de Martin Scorsese traz ingredientes do olhar contemplativo de Terrence Malick (*O novo mundo*), a visão ampla de saga composta por George Stevens, em *Assim caminha a humanidade*, e a grandiosidade de Paul Thomas Anderson, conferida em *Sangue negro*. Dito isso, vale a ênfase que tudo resulta no mais pleno cinema que leva a grife de Scorsese: pesam na trama de *Assassinos da lua das flores*, a verve meditativa de Silêncio e Kundun, a sanha que move *O irlandês* e o oportunismo pontuado em *O Lobo de Wall Street*. O que abrilhanta o filme, extraído de uma obra literária de David Grann, é a perturbadora narrativa, talhada em roteiro de Scorsese e do experiente Eric Roth, este último, nada menos do que o vencedor do Oscar pela adaptação de *Forrest Gump: O contador de histórias* e ainda o criador de roteiros de diretores do calibre de Denis Villeneuve, David Fincher, Steven Spielberg e Michael Mann.

Ao lado das perfurações de petróleo dominadas por nativos da nação americana osage, está a fonte de ódio destilada na trama. A prosperidade dos indígenas é paralela à ganância dos brancos, daí, despontarem elementos de barganha, negociatas, sentenças de morte e personagens dissimulados, determinados ou mesmo autoritários. Planos malignos acompanham a atitude de um dos protagonistas: o magnata, de alcunha “Rei”, William Hale (Robert De Niro). Tal qual outros brancos que rastejam, diante dos enriquecidos osage (embalados por grana e agouros), Hale tem olhos compridos nas concessões e em apólices de seguros geradas garantidas por indígenas.

Na conjuntura, o espólio dos detentores de valorizados carros (hoje em dia, vintage) Buick e Pierce-Arrow, entre outras excentricidades, está na mira do sobrinho do Rei: Ernest Burkhart (Leonardo DiCaprio). Ele está pronto para, em meio à Grande Depressão, investir em uma vida de altas mentiras. Ainda que haja astúcia em cena, os

PARAMOUNT/DIVULGAÇÃO



Assassinos da lua das flores: o diretor Martin Scorsese no topo

forasteiros apostam num plano de domínio econômico para a minúscula Fairfax (Oklahoma). Minuciosamente, Scorsese apresenta o cotidiano da nação Osage, embalada numa roupagem moderna, ainda que a trama se afirme nos anos de 1920. O progresso, testemunhado em tomadas aéreas, chega junto com situações calamitosas, entre as quais uma melancolia dos indígenas aplacada com alcoolismo.

Comparados pelos nativos a coiotes, gambás, cobras e abutres; os brancos agem mais próximo de ratos (metáfora que Scorsese já usou em *Os infiltrados*).

Revestido por um desenho de som extremamente tenso, o filme traz cenas secas como a do reconhecimento de corpos e autópsia perturbadora, além de apostar em quadros com figurantes às centenas. Planos de imagens coloridas, cenas monumentais (entre as quais DiCaprio apanhando de De Niro), maquinação de mentes adoecidas, visões e respeito pela cultura alheia (a exemplo de *A teta assustada*, de Claudia Llosa) são ricamente orquestrados por Scorsese. De quebra, há os talentos da atriz Lily Gladstone (na pele da moderada Mollie) e de Jesse Plemons, como agente do FBI.